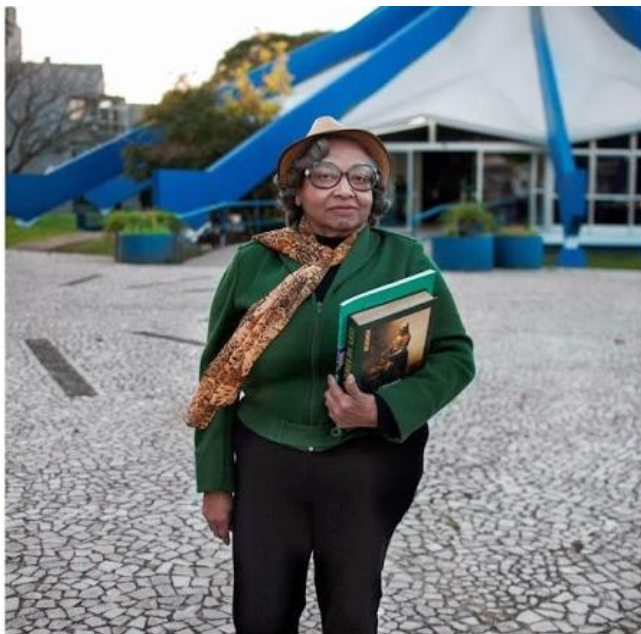




Presentes

Gaúchos apresentam exposição em Montevideú



Até o dia 26 de novembro pode-se visitar a mostra dos gaúchos Régis Duarte e Tiago Coelho, *A Voz da Roupas*, na **Fotogalería Ciudad Vieja** (Rua Piedras frente à praça do Museo del Carnaval). O projeto **A Voz da Roupas** propõe confrontar a “realidade” com a ficção, através de ensaios fotográficos de trabalhadores em dois momentos diferentes: o primeiro, em “linguagem documental”, busca mostrar os profissionais em seus ambientes de trabalho (como são vistos), e o segundo, em estúdio, retrata os mesmos vestindo personagem criado a partir de sonhos e conversas. Confronto entre real e ficcional, o ensaio propõe a costura entre criador e modelo através da lente precisa do fotógrafo. Para os trabalhadores, a oportunidade do sonho encarando um novo personagem. Para os criadores, a liberdade criativa conquistada. Se a roupa exclui, neste projeto ela integra. Um convite à reflexão sobre a moda em estado de arte com seus códigos e infinitas leituras.

Tiago Coelho é formado em Realização Audiovisual pela Unisinos e master em

Fotojornalismo pela EFTI (Madri, Espanha). Atualmente atua como professor de fotografia na Unisinos e free lancer em reportagens documentais e editoriais de moda. É sócio proprietário do BARRACO / Galeria Mascate. Entre suas principais exposições estão: "15º Edição da Coleção Pirelli/MASP", São Paulo; "20 + 20 – El Presente y el futuro de la fotografia", Madri; "Dona Ana", Buenos Aires e Porto Alegre; e "La Imagen de la palabra", Montevideú. **Régis Duarte** nasceu na fronteira com a Argentina, passou pelo curso de arquitetura, tendo trabalhado em agência de publicidade em Nova York e aos 23 anos começou a customizar camisetas ainda na Big Apple, em parceria com sua mãe, via internet. A ideia deu tão certo que na volta ao Brasil, o antigo hobby, virou negócio. A marca Régis Duarte tem como logotipo uma mosca para identificar a sua assinatura e homenagear o inseto pelas contribuições para o estudo da genética humana. Em pouco tempo a etiqueta da mosca, em Porto Alegre, passou a ser conhecida como garantia de peça exclusiva.

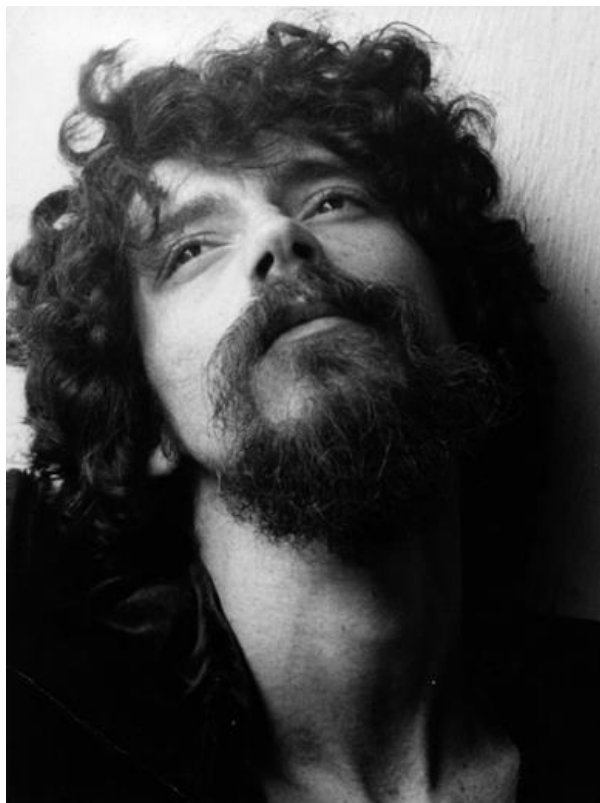
JornalDaCasa é uma publicação de CasaDoBrasil | Editor: Leonardo Moreira

Web: www.casadobrasil.com.uy | Mail: jornal@casadobrasil.com.uy |   



Ao pé da letra

Ouro de Tolo



De toda a obra de **Raul Seixas**, *Ouro de Tolo* é uma das canções mais autobiográficas. Faixa do primeiro disco-solo do cantor, conquistou o topo das paradas de sucesso na década de 1970 fazendo ressoar uma irônica, mas violenta, crítica à emergente classe média do milagre econômico, quando o Brasil, sob a ditadura, crescia.

Em 1968, acompanhado de seu conjunto, Raulzito e os Panteras, o compositor e cantor baiano lançou um disco com o nome do grupo –que teve performance apenas discreta em vendas e execução– pela gravadora Odeon. A partir de 1970, contando com ajuda de Jerry Adriani, Raul foi contratado pela CBS para produzir artistas como a dupla Leno e Lilian e a cantora Diana. Um ano depois, acabou produzindo um álbum próprio. Seu segundo disco *Sociedade da Grã-Ordem Kavernista apresenta Sessão das 10*, foi retirado do mercado e levou à demissão de Raul do cargo de **produtor**.

Primeiro **bad boy** do rock brasileiro, Raul começou a ficar conhecido no meio artístico em 1972, quando participou do 7º Festival Internacional da Canção, cantando *Let me Sing, Let me Sing*, de Elvis Presley. A apresentação serviu para o público se surpreender e para a Philips definir qual seria sua aposta do momento para vender mais discos.

Ouro de Tolo foi escolhida para fechar o álbum de estreia da carreira-solo de Raul, *Krig-há, bandolo!*, lançado em 21 de julho de **1973**, com um show no Teatro Teresa Raquel, no Rio de Janeiro. A expressão foi tirada dos gibis de Tarzan e significava: “Cuidado, aí vem o inimigo”. O conteúdo do álbum fazia jus ao alerta do título. No disco, Raul atacava valores cultivados pelo cidadão comum, conformado com a liberdade concedida para suas realizações banais, típicas da vida burguesa e da busca de ascensão social, como “ir com a família no Jardim Zoológico dar pipoca aos macacos”, e a satisfação por poder comprar o carro do ano, um Corcel 73.

Os 59 versos em primeira pessoa não são apenas uma escolha estilística. Descrevem, de fato, a vida do autor: os “quatro mil cruzeiros” que eram seu salário como produtor da CBS, os dois anos de penúria que passara na Cidade Maravilhosa e o pouco de fama que havia conquistado, no ano anterior, cantando no festival. Enquanto Roberto Carlos agradecia “ao Senhor por mais um dia”, Raul dizia ironicamente que “devia agradecer ao Senhor por ter tido sucesso na vida como artista”. O bom-mocismo da **Jovem Guarda** saía de cena para dar lugar ao protesto e ao misticismo alternativo.

Das dez composições de *Krig-há, bandolo!*, cinco foram criadas com o escritor **Paulo Coelho**, o parceiro mais importante de Raul, que, na fase final de sua carreira, também formou dupla com o roqueiro Marcelo Nova. Raul morreu em 1989, aos 44 anos, devido a



problemas relacionados ao alcoolismo, e tornou-se uma espécie de mito da contracultura nacional, cultuado por fã-clubes espalhados pelo país. Sempre identificado como roqueiro, Raul fez muitas canções marcadas pela fusão de gêneros, o que já se evidenciava nos outros dois grandes sucessos do mesmo disco, arranjado pelo uruguaio Miguel Cidras: o baião *Mosca da Sopa* e o rock *Metamorfose Ambulante*. *Ouro de Tolo*, por sua vez, tornou-se um grande hit e projetou o nome do autor muito mais pela mensagem do que pela melodia, repetitiva, mas cuja monotonia reforça a crítica à visão dos que vêem no dinheiro, no consumo e na “pax burguesa” o sentido da vida.

Eu devia estar contente
Porque eu tenho um emprego
Sou um dito cidadão respeitável
E ganho quatro mil cruzeiros por mês

Eu devia agradecer ao Senhor
Por ter tido sucesso na vida como artista
Eu devia estar feliz
Porque consegui comprar um Corcel 73

Eu devia estar alegre e satisfeito
Por morar em Ipanema
Depois de ter passado fome por dois anos
Aqui na Cidade Maravilhosa

Ah! Eu devia estar sorrindo e orgulhoso
Por ter finalmente vencido na vida
Mas eu acho isso uma grande piada
E um tanto quanto perigosa

Eu devia estar contente
Por ter conseguido tudo o que eu quis
Mas confesso abestalhado
Que eu estou decepcionado

Porque foi tão fácil conseguir
E agora eu me pergunto: E daí?
Eu tenho uma porção de coisas grandes
Pra conquistar, e eu não posso ficar aí parado

Eu devia estar feliz pelo Senhor
Ter me concedido o domingo
Pra ir com a família ao Jardim Zoológico
Dar pipoca aos macacos

Ah! Mas que sujeito chato sou eu
Que não acha nada engraçado
Macaco, praia, carro, jornal, tobogã
Eu acho tudo isso um saco

É você olhar no espelho
Se sentir um grandessíssimo idiota
Saber que é humano, ridículo, limitado
Que só usa dez por cento de sua
cabeça animal
E você ainda acredita que é um doutor, padre
ou policial
Que está contribuindo com sua parte
Para nosso belo quadro social

Eu que não me sento
No trono de um apartamento
Com a boca escancarada cheia de dentes
Esperando a morte chegar

Porque longe das cercas embandeiradas que
separam quintais
No cume calmo do meu olho que vê
Assenta a sombra sonora de um disco voador



Discos onde ouvir

Raul Seixas – Krig-há, bandolo! (1973)
Belchior – Cenas do próximo capítulo (1984)
Camisa de Vênus – Bota pra f... (1990)
Paulo Ricardo – Rock Popular Brasileiro (1996)
Zé Ramalho – Canta Raul Seixas (2001)

Veja também:

Raul Seixas - <http://youtu.be/cn0S56WpkjQ>
Baú do Raul - <http://youtu.be/4f2iuHjkTo>



Cantos com encanto

Parque Nacional da Serra da Capivara



No sudeste do estado do Piauí, localizado nos municípios de Brejo do Piauí, Coronel José Dias, João Costa e São Raimundo Nonato, o Parque Nacional da Serra da Capivara foi criado em 5 de junho de 1979 para preservar os vestígios da maior concentração de sítios pré-históricos do continente americano. No local, foram encontrados artefatos que registram a presença do homem há aproximadamente **50 mil anos**. O parque, considerado berço do homem americano, possui ainda natureza exuberante, com gigantescas formações rochosas e alta diversidade de fauna e flora específicas da Caatinga (bioma exclusivamente brasileiro). A abundância dos mais de **500 sítios arqueológicos** com aproximadamente **30 mil pinturas rupestres** que representam os animais e ações cotidianas da vida humana, fez com que a teoria da migração humana pelo estreito de Behringer fosse revista. Além disso, a paisagem ao redor dos paredões de rochas onde as inscrições se encontram é extremamente rica em fauna e flora. Por ser um impressionante registro da história da humanidade, entrou para a Lista do **Patrimônio Mundial Cultural**, em **1991**, porque, segundo a Unesco, “aporta um testemunho único e excepcional de uma civilização que desapareceu”.

No Parque Nacional Serra da Capivara se encontra o sítio arqueológico mais antigo das Américas, a **Toca do Boqueirão da Pedra Furada**, o maior museu ao ar livre da Pré-História, que possui mais de 1.000 grafismos desenhados em suas paredes, mostrando diferentes figuras humanas, animais e cenas diversas. Há quase 50.000 anos, o homem pré-histórico fazia fogueiras e lascava pedras nesse sítio —descoberta que revolucionou a comunidade científica, pois põe por terra a antiga teoria de o homem ter vindo para as Américas pelo Estreito de Behring. Outros sítios arqueológicos apresentam datações pleistocênicas, como o **Sítio do Meio**, em escavação, e a **Toca do Caldeirão dos Rodrigues**.

No parque, existem mais de 500 sítios arqueológicos e, nas paredes de cerca de 360 deles, se encontram pinturas feitas pelos homens pré-históricos, utilizando como pigmento o óxido de ferro (ocre) aparentemente diluído em água. Ao lado de gravuras, em menor quantidade, as pinturas —o maior acervo registrado em todo o mundo, sem termos de comparação com o das conhecidas grutas de Lascaux, ao sul da França, ou o de Altamira, no norte da Espanha— são um verdadeiro registro gráfico, uma crônica da sociedade que vivia no



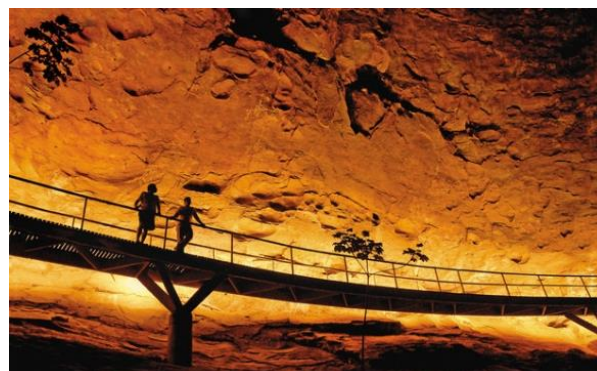
sudeste do Piauí, seus mitos, religiões, cerimônias e vida cotidiana.

Essas pinturas se diferenciam pelos tipos de grafismo e se classificam em: **Tradição Nordeste**, de 12.000 a 6.000 anos atrás, e a **Tradição Agreste**, de 10.000 a 3.500 anos atrás. Foram adotadas por povos desde Goiás até o norte de Minas Gerais e retratam animais e homens, estes geralmente cobertos por grandes máscaras e ornados com cocar de penas. Fazendo parte da Tradição Nordeste, o estilo denominado **Serra da Capivara** (12.000 a 8.000 anos atrás) é o mais lúdico, além de mais antigo. O melhor exemplo é a **Toca da Entrada do Pajaú**, no desfiladeiro, onde está o conjunto artístico mais relevante: a forma da toca, em domo arredondado, semelhante à cúpula de uma capela, prestou-se admiravelmente bem ao suporte de cenas representando a vida cotidiana, cerimonial e ritual, expondo à vista dançarinos com leveza de traço e graça de figuras. Em contrapartida, na Tradição Agreste é grande a presença de traços geometrizados sem identificação temática. As figuras, homens e diferentes animais, são bem maiores que na Tradição Nordeste e em geral realizadas mais grosseiramente. Esse estilo mais recente, que reflete imagens mais estáticas e bem maiores, é chamado **Serra Branca** (6.000 anos atrás). Entre os dois estilos, está o Complexo Estilístico **Serra Talhada** (8.000 a 6.000 anos atrás), com profusão de figuras, caso da Toca do Boqueirão da Pedra Furada, que contém a pintura-símbolo do parque. No Piauí, ao contrário da Europa, o refinamento gráfico caracteriza as figuras humanas e animais, além da forte presença do movimento, da ação, da narrativa na Tradição Nordeste. Coincidentemente ou não, também foram detectados em pelo menos outros dois locais do planeta, situados aproximadamente na mesma latitude —a região de Tassili, na Argélia, África, e a de Kakadu, na Austrália—, sítios com grande concentração de pinturas.

A **fauna** local é rica devido ao encontro de refúgios geológicos como da Mata Atlântica, Caatinga e Cerrado que abrigam espécies diversificadas, destacando-se gato-do-mato,

onça-pintada, jaguatirica, tatu, paca e cutia, além de mocó, um pequeno roedor que vive nas rochas. Da avifauna, seriema, também comum no Cerrado, gavião-carrapateiro e acauã. Entre os répteis, sobressaem iguana, jararaca, cascavel e duas espécies de cobra-cipó. Infelizmente, afetando um pouco o delicado equilíbrio ecológico da área, foram reduzidos pela caça predatória o tatu-canastra, o tamanduá-bandeira e inúmeras outras espécies, fato que levou os animais maiores, mais tarde alimentados pelos funcionários do parque, a caçar caprinos e bovinos da população circundante, além de haver aumento anormal do número de cupins e formigas, alimentação preferida do tamanduá.

Os sítios e as pinturas rupestres correm perigo mais por causas naturais que pela ação do homem. Como a serra é formada por rochas sedimentares, arenito, siltito e conglomerado, de origem marítima, e há uma aridez acentuada, a água de constituição das rochas migra para a superfície e se evapora. No caminho ela traz sais minerais contidos no interior e, ao evaporar, deixa-os na superfície, formando finas camadas que, aos poucos, vão cobrindo as pinturas; bactérias se instalam na superfície e se alimentam desses sais, depositando sobre a superfície pictórica os sais resultantes de seu metabolismo, auxiliando o processo degenerativo e causando descamação da parede pintada. Pela ação do homem, deve-se à fumaça proveniente de queimadas e fogueiras nos abrigos, algumas figuras já terem se apagado. O mais grave, porém, é a extração do calcário, fazendo desaparecer para sempre sítios inteiros e transformando nossa pré-história em pó.





Estilos musicais

Jovem Guarda, brasileira e pop



"O futuro pertence à jovem guarda porque a velha está ultrapassada." Descontextualizada pelo publicitário Carlito Maia, a frase do líder soviético Vladimir Lênin batizou no Brasil, em 1965 um dos programas de TV de maior audiência da época: o Jovem Guarda, apresentado pelos emergentes cantores e ídolos juvenis *O Rei Roberto Carlos*, *A Ternurinha Wanderléa* e *O Tremendão Erasmo Carlos* (da esquerda à direita na foto). No auge da sua popularidade, ele chegou a alcançar três milhões de espectadores só em São Paulo, de onde era transmitido (em videotape, ele chegava também ao Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife).

Mais do que uma boa ideia para preencher o horário que ficou vago por causa da proibição da transmissão direta dos jogos do campeonato paulista de futebol, mais do que uma excelente forma de derrotar o Festival da Juventude (líder de audiência da TV Excelsior desde 1964) e de vender um monte de quinquilharias (de discos a calças, blusas e até bonecas), o programa Jovem Guarda foi o catalizador de um movimento que pôs a música brasileira em sintonia com o fenômeno internacional do rock (a esta altura, no seu segundo momento, o da invasão britânica liderada pelos Beatles) e deu origem a toda uma nova linguagem, musical e novos padrões de comportamento.

Entravam em cena as guitarras elétricas (incorporadas de vez à música brasileira mais típica pelo movimento seguinte, a Tropicália), a ideia de uma música exclusivamente jovem, com signos jovens (mais até do que na Bossa Nova) e toda uma constelação de artistas: **Wanderley Cardoso**, **Jerry Adriani**, **Eduardo Araújo**, **Martinha**, **Ed Wilson**, **Waldirene** (*A Garota do Roberto*), **Leno & Lilian**, **Deny e Dino**, **Bobby Di Carlo** e grupos como **Golden Boys**, **Renato & Seus Blue Caps**, **Os Incríveis**, **Os Vips** e tantos outros. O programa de TV acabou em 1969, mas a estética da Jovem Guarda nunca deixou de estar presente na música brasileira feita a partir da década de 70.

Os primórdios do movimento devem ser procurados na segunda metade dos anos 50, quando o país começou a ser exposto à informação rock'n'roll, através dos discos de Elvis Presley e Bill Haley, da *Revista do Rock* e de programas como *Hoje É Dia de Rock* (de Jair de Taumaturgo, na Rádio Mayrink Veiga carioca), *Clube do Rock* (de Carlos Imperial, na TV-Rio) e *Crush em Hi-Fi* (na TV Record, de São Paulo). No fim da década, o país ganhou seus primeiros ídolos do rock: a paulista **Cely Campello** (de *Estúpido Cupido*, versão de *Stupid Cupid*, de Neil Sedaka), **Carlos Gonzaga** (de *Diana*, versão para música de Paul Anka), **Sérgio Murilo** (de *Marcianita* e *Broto Legal*), **Tony Campello** (irmão de Cely),



Demétrius, Albert e Meire Pavão. Eles representaram o rock em sua vertente mais adocicada, a das baladas. O contraponto selvagem, da eletricidade, de Elvis e Chuck Berry, ainda estava sendo gestado.

Na Tijuca, bairro do subúrbio carioca, essa era a curtidão de uma turma de rapazes que se reunia na Rua do Matoso. Em 1958, China, Arlênio, Trindade, Tim Maia, Erasmo Carlos e Roberto Carlos formaram o grupo **Os Sputniks**, que acabou no mesmo ano, mas não sem antes chamar a atenção de um sambista de ideias elétricas que andava pela área: Jorge Duílio Lima Meneses, o **Jorge Ben**. Em 1960, o rock da *Juventude Transviada* brasileira teria seu primeiro sucesso: *Rua Augusta*, de **Ronnie Cord** (Ronald Cordovil). Mas era tarde: o gênero começava a perder seu impacto, acossado pela Bossa Nova. No começo da década, Cely Campello deixou a música para se casar e Roberto Carlos foi cantar bossa.

O rock, porém, resistia nos subúrbios de Rio e São Paulo, onde surgiram grupos vocais como **Golden Boys** (de *Alguém na Multidão*) e **Trio Esperança** (de *A Festa do Bolinha*, formado por irmãs dos Golden Boys) e instrumentais, na onda do *Twist* (inspirada pelo sucesso *Let's Twist Again*, de Chubby Checker), como Renato & Seus Blue Caps (no qual Erasmo Carlos chegou a cantar), **The Jordans**, **The Jet Blacks** e **The Clevers** (futuro Os Incríveis). No entanto, Sérgio Murilo, Ronnie Cord e Demétrius seguiram década adentro fazendo rock-balada, ao lado de recém-chegados como **George Freedman** (*Coisinha Estúpida*) e Wanderléa.

Mas, em 1963, um renovado Roberto Carlos apareceu com *Splish Splash* (versão de Erasmo para música de Bobby Darin), rock que daria título ao seu LP daquele ano. *Parei na Contramão*, o sucesso seguinte, abriu o caminho para o seu grande estouro: *O Calhambeque*. Com isso, Roberto não só renovou sua inscrição no clube do rock, como iniciou seu reinado naquele cenário que mais tarde seria conhecido como Jovem Guarda. *Calhambeque* seria o destaque de seu LP seguinte, *É Proibido Fumar*, cuja faixa-título

tornou-se outro clássico. O grande parceiro de Roberto, Erasmo Carlos, também começava nessa época sua carreira solo, com o sucesso *Minha Fama de Mau*.

Em 22 de agosto de 1965, quando o programa *Jovem Guarda* estreou, o cenário do movimento estava quase que completamente montado: Wanderley Cardoso era *O Bom Rapaz*, Eduardo Araújo *O Bom*, Jerry Adriani *O Italianíssimo*, Martinha *O Queijinho de Minas*, Rosemary *A Boneca Loura Que Canta*, Ronnie Von *O Pequeno Príncipe*. Outros que também chegaram: **Sérgio Reis**, **Antonio Marcos**, **Vanusa**, **Agnaldo Rayol**, **The Fevers**, **Ed Wilson** (irmão de Renato e Paulo César Barros, do Renato & Seus Blue Caps), **Prini Lorez**, **The Pop's...**

Naquelas "jovens tardes de domingo", a palavra de ordem era iê-iê-iê, adaptação do "yeah, yeah, yeah!", da música *She Loves You*, dos Beatles (não por acaso, o filme do quarteto, *A Hard's Day Night*, foi exibido no Brasil com o título de *Os Reis do Iê-Iê-Iê*). A maior parte das letras eram ingênuas e recatadas, e boa parte das músicas, versões de sucessos do rock americano, britânico, italiano e até japonês. Erasmo Carlos, **Renato Barros** e **Rossini Pinto** eram os grandes versionistas.

Havia, porém, quem insistisse em compor. Os de maior destaque foram a dupla Roberto & Erasmo, **Getúlio Côrtes** (de *Negro Gato*, cantada por Roberto), Leno, **Carlos Imperial** e o próprio Rossini. As relações entre a *Jovem Guarda* e a Bossa Nova nem sempre foram cordiais. Havia quem, como Jorge Ben, transitasse entre os dois programas: o *Jovem Guarda* e o *Fino da Bossa*. Mas Elis Regina, que apresentava o *Fino* com Jair Rodrigues, chegou a liderar uma passeata contra as guitarras elétricas.

Em 1965, Roberto deu o nome do programa ao seu LP: *Jovem Guarda* veio com os clássicos *Quero Que Vá Tudo Pro Inferno* e *Mexericos da Candinha*. Em pouco tempo, a moda adotada pelos apresentadores tinha se espalhado pelo país (e dá-lhe calças colantes de duas cores em formato boca-de-sino,

cintos e botinhas coloridas, minissaia com botas de cano alto), bem como seus gestos e gírias: broto, carango, legal, coroa, cuca, barra limpa, barra suja, lelé da cuca, mancada, pão, papo firme, maninha, pinta, pra frente e, "É uma brasa, mora?", tudo veio da Jovem Guarda.

E o sucesso só fazia crescer: em 1966, o sucesso de Roberto com *O Calhambeque* havia chegado a Portugal, França, Argentina, México e Uruguai. No mesmo ano, o Jovem Guarda realizou seu I Festival de Conjuntos, do qual participaram cerca de cinco mil. O primeiro colocado foi o grupo paulista **Loupha**, com o cover *I Can't Let Go*, dos ingleses The Hollies, e o segundo, o gaúcho **The Cleans**. Um sinal da explosão no país dos grupos de garagem, que saíam se apresentando em clubes sociais, rádios, televisões regionais, festas de igreja e aniversários e logo estariam embarcando na viagem psicodélica dos americanos e ingleses, caso dos paulistanos Mutantes, de Rita Lee e dos irmãos Sérgio e Arnaldo Dias Baptista.

O ano de 1967 traria inesperadas novidades. Por sugestão da irmã Maria Bethânia, o baiano pós-bossanovista Caetano Veloso (ver *JornalDaCasa* #27 e 28) começou a ver o iê-iê com outros olhos. Ao mesmo tempo, o amigo Gilberto Gil converteu-se aos Beatles. Resultado: no III Festival da Música Popular Brasileira da TV Record, Gil estaria apresentando seu *Domingo no Parque* com os Mutantes e Caetano sua *Alegria, Alegria* com os argentinos Beat Boys. Era a Tropicália, que mais tarde seria apresentada no disco-manifesto *Panis et Circencis*. Ao mesmo tempo, a Jovem Guarda iniciava o seu declínio. Em 1968, Roberto Carlos ganhou o Festival de San Remo com *Canzone Per Te*, de Sergio Endrigo e, no ano seguinte, estaria iniciando sua fase romântica, na qual seguiu pelas décadas de 70, 80 e 90, como um dos maiores cantores brasileiros.

Logo o programa saiu do ar e a Jovem Guarda se desmanchou. Cada um foi para um lado. Houve quem seguisse Roberto na carreira de cantor romântico (Wanderley Cardoso, Jerry

Adriani, **Ronnie Von**), quem continuasse no rock (Erasmus, Leno sem Lilian, Os Incríveis) e quem se bandeasse para o brega (Agnaldo Rayol e Reginaldo Rossi, que liderou a banda The Silver Jets em Recife), música sertaneja (Nalva Aguiar, Sérgio Reis) ou mesmo rock rural (Eduardo Araújo). Os Fevers se tornaram uma das mais ativas bandas de bailes e de estúdios e os Golden Boys gravaram coros em muitos discos de MPB.

Nos anos 80, o Rock Brasil (ver *JDC* #10, 11 e 12) trouxe de volta músicas da Jovem Guarda em regravações de Lulu Santos (*O Calhambeque*), Blitz (*Biquíni de Bolinha Amarelinha*, de Sérgio Murilo), Léo Jaime (*Gatinha Manhosa*, de Erasmo) e Patife Band (*Tijolinho*, de Bobby di Carlo). Era o ensaio de um *revival*, que efetivamente ocorreria em 1995, na comemoração dos 30 anos do programa. Remanescentes do movimento (Wanderléa, Erasmo Carlos, Ronnie Von, Bobby de Carlo, Os Vips, Os Incríveis, Martinha, Leno e Lilian, Golden Boys, entre outros) regravam seus sucessos em uma caixa de cinco CDs e fizeram uma série de concorridos shows conjuntos. Ao mesmo tempo, relançamentos em CD trouxeram de volta quase todo o acervo de gravações originais. E, desde os anos 90 até hoje, mais do que nunca, solistas de qualquer gênero e estilo continuam regravando o repertório da Jovem Guarda.

